

EMPRESAS

INDÚSTRIA

Santa Iria rega indústria das algas com 20 milhões

O Parque Industrial de Póvoa de Santa Iria já produz microalgas desde 2018, mas vai agora passar esta atividade sustentável a uma escala industrial, pretendo instalar a maior unidade da Europa de produção de microalgas. Aí quer também iniciar outros projetos como a produção de hidrogénio verde e de biocombustível para a aviação.

ANA BATALHA OLIVEIRA
anabatalha@negocios.pt

O parque industrial de Póvoa de Santa Iria prepara-se para ganhar uma nova vida. A Algora vai investir nesta localização, que considera “ideal” para instalar a “tecnologia do futuro”: aquela que permite a exploração de microalgas.

Tendo em conta o conjunto dos projetos que já arrancaram, e aqueles que vão ser iniciados entre 2021 e 2023, espera-se que o parque industrial dê emprego direto a 300 colaboradores, dos quais mais de 150 altamente qualificados, anuncia a Algora. O volume de negócios anual deverá ascender aos 40 milhões de euros, resultando do investimento adicional de 20 milhões de euros nos próximos dois anos. Números que comparam com os 110 trabalhadores que o parque contava em 2017, e os 18 milhões de euros de proveitos anuais nesse ano.

Mas o que mudou? Duas empresas portuguesas, a A4F – Algae for Future e a Green Aqua, decidiram juntar-se e criar a Algora. A primeira trouxe a tecnologia, a segunda o investimento – de 16 milhões de euros, aos quais se juntaram 6 milhões de fundos comunitários do Mar 2020 – e começaram a produzir microalgas nas reservas de salmoura do complexo industrial da Solvay Portugal, na Póvoa de Santa Iria, em 2018.

Este ano, a Algora comprou a Solvay Portugal - Produtos Químicos, proprietária deste parque industrial, com exceção do negócio de peróxido de hidrogénio, que vai continuar a operar mas sob a alça-



As tecnologias de exploração de microalgas são tidas pelos novos donos do Parque industrial de Santa Iria como as “tecnologias do futuro”.



Estamos disponíveis para que empresas europeias venham instalar-se aqui.

NUNO COELHO
Presidente da administração da Algora

da da Solvay internacional. Passa então para as mãos da Algora a gestão do parque e a operação de clorato de sódio, que pretende manter e melhorar. Desta forma, a Algora espera criar a maior unidade da Europa de produção de microalgas e desenvolver três outros projetos.

Algas para que vos quero

Produtos alimentares, farmacêuticos, cosméticos, rações animais e biofertilizantes: tudo isto poderá ter na sua composição elementos extraídos de microalgas, que vão substituir “ingredientes” menos sustentáveis. Neste sentido, a Algora procurou aliar-se a gigantes europeus de vários setores e ajudar a

tornar os seus produtos mais sustentáveis. No caso das margarinas, por exemplo, pode eliminar-se o óleo de palma da receita, um objetivo para o qual a Algora vai trabalhar em colaboração com a gigante holandesa do setor, a Upfield. Nas rações animais, é a farinha de peixe que pode ser trocada por produtos resultantes da refinação das algas. Nesta área, a aliada da Algora é a ForFarmers. Este projeto, na casa dos 10 milhões de euros, vai ser financiado pelo BIC – Bio-based Industry Consortium, uma associação europeia que junta vários atores da bioindústria.

Paralelamente, a Algora quer utilizar a tecnologia de que dispõe

para produzir biojet fuel, um combustível amigo do ambiente que pode substituir outros mais poluentes no setor da aviação. Além desta fonte de energia, em Póvoa de Santa Iria também se vai produzir hidrogénio, tanto a partir do processo de eletrólise da água que tem sido mais falado como também a partir de biogás. Tendo em conta que o processo de fabrico de clorato de sódio pressupõe a obtenção de hidrogénio como subproduto, e que este gás já era utilizado para produzir peróxido de hidrogénio, este parque industrial é um dos poucos em Portugal que está licenciado para o fabrico e armazenamento de hidrogénio.

DR

Um parque verde como as algas

O Parque Industrial da Póvoa de Santa Iria não deverá limitar-se a atingir a neutralidade carbónica com as suas operações – quer mesmo superá-la. Isto é, o parque deverá consumir mais dióxido de carbono (CO2) do que aquele que produz, já que as suas atividades não só não emitem CO2 como precisam de o utilizar nos seus processos. Ao mesmo tempo, a Algora quer gerar pelo menos 20% da energia que se consome no parque a partir de fontes renováveis, através da instalação de uma central fotovoltaica que vai começar nos 2 megawatts por hora (cobrindo 5% das necessidades) para depois chegar aos 10 megawatts. Por fim, a empresa quer contribuir para a transição energética com a produção de hidrogénio verde, e também para a uma indústria também mais sustentável, ao promover o fabrico de produtos de base biológica e de economia circular.

Para isto, vão ser necessários outros 10 milhões de euros, financiados por fundos comunitários – do Portugal 2020 e por capitais próprios de parceiras, em partes iguais. Neste projeto participam empresas como a Galp, TAP, Dourogás, a Tratolixo e Solvay.

Numa ótica de manter o dinamismo destas tecnologias, o parque industrial já acolhe um laboratório colaborativo de biorrefinarias, o Bioref, que vem fazer a ponte entre os avanços tecnológicos mais recentes e a sua utilização ao nível empresarial. Neste campo estão envolvidas várias universidades e institutos de ensino superior de todo o país, desde

Novo parque com novo dono

A Algora foi constituída para tomar o parque industrial e tem dois acionistas: a A4F – Algae for Future e a Green Aqua. A primeira destas entidades divide-se em duas empresas, especializadas em tecnologias complementares de exploração de microalgas: a Biotrend e a A4F, Alga-Fuel. A A4F fechou 2019 com um volume de negócios de 8,6 milhões de euros e lucros de 1,1 milhões de euros. Já no caso da Green Aqua, o volume de negócios atual é marginal, já que a comercialização de microalgas à escala industrial iniciar-se-á apenas em 2021. As projeções financeiras da empresa apontam para o “break even” em 2022. Os últimos beneficiários das duas holdings da Algora são os membros das respetivas administrações: Nuno Coelho, Vítor Verdelho Vieira, Manuel Gil Antunes e Bruno Sommer Ferreira, da A4F e Maria Teresa Caetano Rodriguez pela Green Aqua.

Lisboa até Portalegre, Aveiro, Porto, Minho e Trás os Montes, assim como o LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia.

“Estamos absolutamente convictos que temos a localização ideal para projetos industriais da nova geração e completamente disponíveis para que empresas europeias olhem e venham instalar-se aqui”, afirma o presidente do conselho de administração da Algora, Nuno Coelho, esperando que a aquisição da Solvay Portugal tenha também servido para “fortalecer os laços” com a Solvay internacional, e que isto abra a possibilidade de replicar os projetos da Póvoa de Santa Iria “noutros sítios pelo mundo”. ■

40

RECEITAS

A Algora espera atingir um volume de negócios de 40 milhões de euros depois de alargar as operações.

20

INVESTIMENTO

Os dois novos projetos preveem um investimento de 20 milhões de euros com a ajuda de fundos comunitários.

300

EMPREGO

O parque industrial deverá ascender aos 300 trabalhadores, 150 dos quais altamente qualificados.

20

RENOVÁVEIS

Um quinto da energia consumida no parque industrial deverá ser gerada no complexo a partir de fontes renováveis.

SEGUROS

APS: Seguradoras estão a ser “fortemente” penalizadas pela covid-19

O setor segurador, assim como a restante economia, está a ser “fortemente” penalizado pelo impacto da pandemia de covid-19. O alerta é da Associação Portuguesa de Seguradores (APS), que garante que as seguradoras mantêm-se, ainda assim, resilientes e preparadas para ajudar os clientes. Há mais de seis milhões de contratos de seguros a beneficiar de medidas de apoio.

“Os dados da indústria seguradora relativos ao mês de setembro de 2020 revelam que o setor foi fortemente afetado pela pandemia que se reflete já no agravamento dos custos dos sinistros”, adiantou a entidade liderada por José Galamba de Oliveira num comunicado divulgado esta segunda-feira.

Segundo a APS, “alguns ramos registam um crescimento desses custos superior ao verificado em 2019, nomeadamente os seguros de multiriscos, de doença, de assistência no automóvel ou de crédito

”, naquela que será uma tendência que “deverá estender-se aos restantes ramos de seguros até ao final do ano”.

Além disso, há também “uma redução significativa nas carteiras de investimento das empresas de seguros, de quase 4% face ao final do ano anterior” e uma “diminuição do rácio de cobertura do requisito de capital de solvência na ordem dos 6 pontos percentuais, cifrando-se agora em 173%”. Apesar desta quebra, a APS garante que o setor mantém-se resiliente e preparado para dar apoio. “O setor segurador continua a demonstrar uma importante capacidade de resiliência, e compromisso com os seus clientes, nomeadamente através das medidas de apoio às famílias, empresas e prestadores de serviços”, disse, notando que “existem já mais de 6 milhões de contratos a beneficiar de alterações ou de algum tipo de medida de apoio por parte das empresas de seguros”. ■

RITA ATALIAIA

Publicidade



EDITAL

Dr. Rui Carlos de Sousa Ribeiro, Presidente da Assembleia Municipal de Santo Tirso:

No uso da competência que me é conferida pelo disposto na alínea b) do nº 1 do artigo 30º do Anexo I da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, convoco a Assembleia Municipal de Santo Tirso, para uma sessão ordinária, a realizar no dia 03 de dezembro de 2020 – quinta-feira – pelas 21.00 horas, na **Nave Cultural da Fábrica de Santo Thyrsó**.

Santo Tirso, Paços do Concelho, 17 de novembro de 2020.

O Presidente,
Rui Ribeiro (Dr.)